

A PHOTOGRAPHIA METRICA APPLICADA AOS CADAVERES

Muitas vezes, pede-se, nos inqueritos judiciarios, ao medico-legista que esclareça seu relatorio com photographias de cadaveres, tomadas sob differentes pontos de vista, sendo mui vantajoso quando metricas.

Querendo-se tirar a photographia de frente como no vivo, é necessario dispor a cabeça, por meio dum suporte apropriado, de maneira a obter, ao mesmo tempo, a linha oculo trageana a 15 grãos e o plano do angulo do olho a 20 centimetros acima do sólo.

Collocar-se-á a objectiva (aplanato de 25 centimetros) a uma distancia do angulo do olho igual a 2 metros, seja a 2,^m20 acima do sólo. Obter-se-á, assim, um retrato de frente com a redução de $\frac{1}{7}$, inteiramente comparavel ao que se poderia tirar, anteriormente, do proprio individuo vivo. E' muito util, quando se trata da identidade do cadaver, manter os olhos abertos, por meio de olhos artificiaes, de matiz apropriado. Tratando-se da descripção dos ferimentos interessando a face, por exemplo, dever-se-á submeter a um augmento conveniente a photographia obtida. Esta será metrica, conhecida a altura da objectiva acima do sólo, assim como a altura do angulo do olho do cadaver que é commodo conduzir a 20 centimetros ou seja $\frac{1}{10}$ de 2 metros. Esta redução representa a escala média da photographia,

no cartão. (Figuras 55 a 58). Explicada, assim, a theoria damos um exemplo pratico.

Para medir o afastamento dos angulos externos dos olhos, tomar-se-á com um compasso o afastamento na photographia e transportar-se-á á escala correspondente á altura dos olhos, seja de 20 centimetros.

Encontram-se, na photographia, por exemplo, 2 centimetros, o que levado á escala de 20 centimetros dá 10 centimetros exactamente.

Para se medir o afastamento extremo dos lóbos que estão situados, mais ou menos, a 10 centimetros abaixo, levar-se-á o afastamento, encontrado na photographia, á escala inferior vizinha, isto é, no traço que marca 10 centimetros.

Seja o afastamento encontrado na photographia 31 millimetros que, levados á escala de 10 centimetros, dá 165 millimetros.

As medidas não são exactas senão para as linhas horizontaes. Para as linhas obliquas, recorre-se a um processo graphico muito simples, porém approximativo, consistindo em reconstituir um trapezio, cujos dois lados parallelos representarão as alturas acima do sólo de cada uma das extremidades da linha a medir, tendo por base a photographia. O quarto lado do trapezio dará, com uma aproximação sufficiente, o comprimento verdadeiro por meio da escala média.

Si quizermos, por exemplo, conhecer a distancia da extremidade do lóbo da orelha ao angulo interno do supercilio direito, tomaremos para base do trapezio a distancia entre estes dois pontos medidos na photographia. Os dois lados perpendiculares do trapezio serão dados pela altura do lóbo acima do sólo, isto é, mais ou menos, 10 centimetros e pela altura da extremidade interna do supercilio esquerdo, isto é, cerca de 17 centimetros. O quarto lado obliquo dará o afastamento approximativo das duas extremidades, adoptando-se a escala média para



Fig. 55

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Seção Photographica — RECOMPOSIÇÃO CADAVERICA COM O FIM DE
SEU RECONHECIMENTO

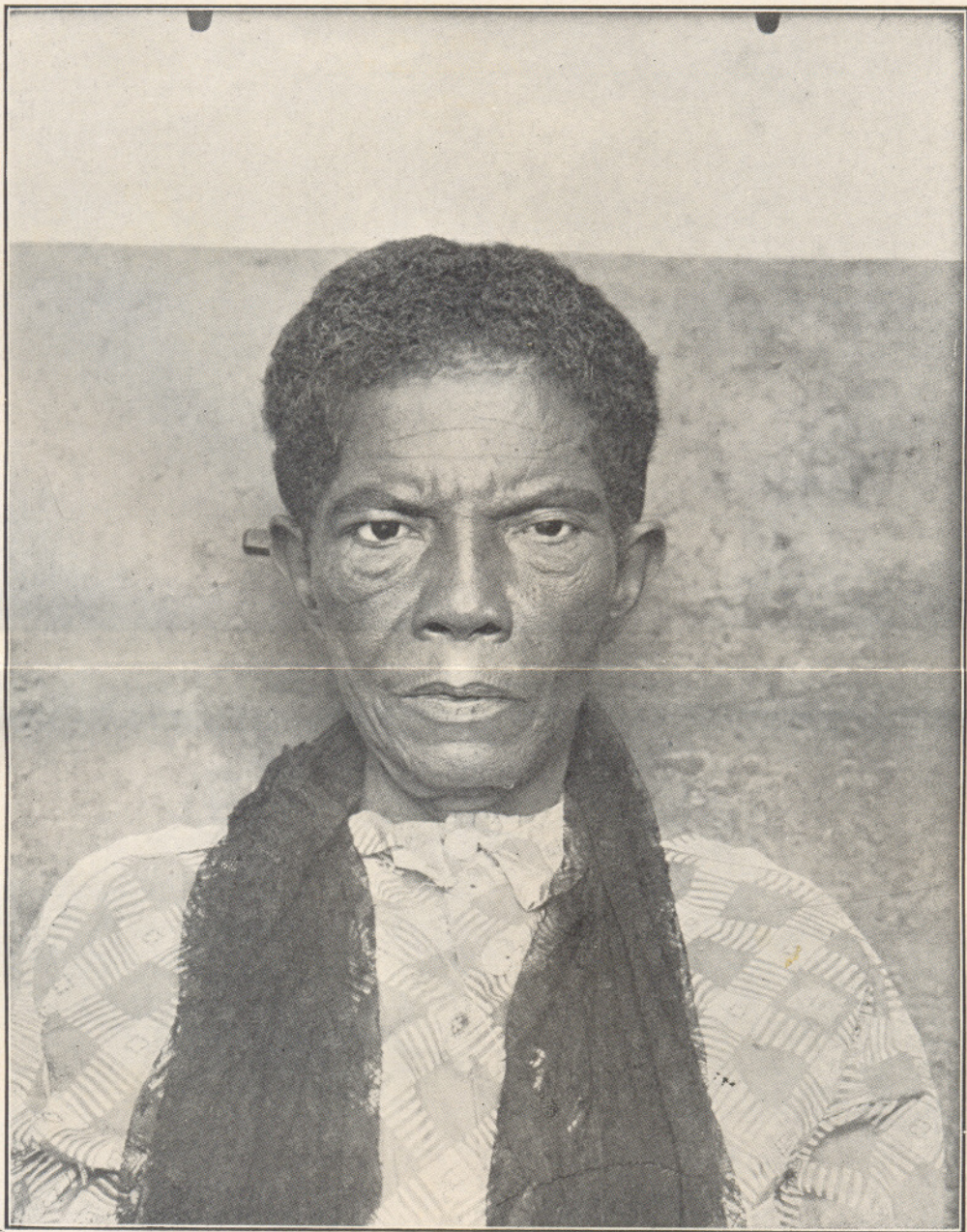


Fig. 56

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Secção Photographica — RECOMPOSIÇÃO CADAVERICA COM OLHOS ARTIFICIAES

APPARELHO REVERTIDO
A 1,70 ACIMA DO SOLO

TIRAGEM FOCAL: 0,30

PHOTOGRAPHIA METRICA
METHODO A. BERTILLON

REDUÇÃO MEDIA 1/5

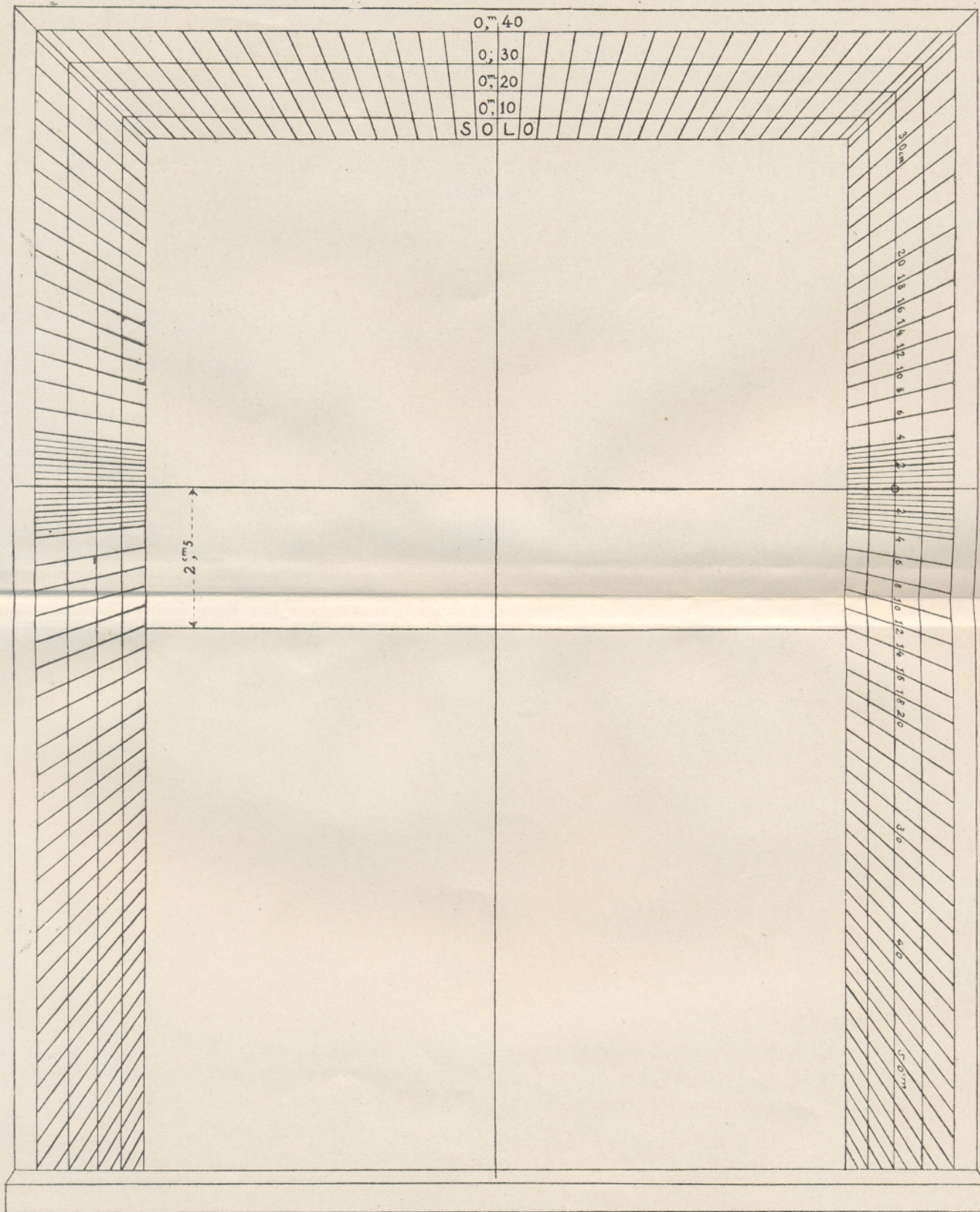


Fig. 57



Fig. 58

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — AFOGADO PHOTOGRAPHADO, APÓS A RECOMPOSIÇÃO
CADAVERICA

porque o plano que passa pelo angulo do olho póde ser considerado como mais importante do cadaver.

Este é denominado plano de comparação, porque é a elle que se relacionam todas as medidas, sendo a escala de $\frac{1}{5}$ conhecida por escala nominal da photographia ou de reducção média.

Comprehende-se que esta escala não é exactamente applicavel senão ao plano distante 2 metros da objectiva que passa pelo angulo do olho. Em qualquer outro lugar, porém, a reducção será differente, quanto mais se approximar o plano da objectiva, tanto menor será a reducção e vice-versa.

Mas estas reducções são rigorosamente proporcionaes á distancia do plano considerado á objectiva. Póde-se, então, traçar, em redor da photographia, todas as escalas correspondentes aos differentes planos. Escolheram-se aqui as equidistantes de 10 centimetros (sólo 10, 20 centimetros, etc.), porém, graças ás linhas obliquas que as atravessam, tem-se as escalas de todos os planos intermediarios; assim, uma medida, pertencente a um plano situado a 15 centimetros acima do sólo, deverá ser apreciada entre o traço 10 e o traço 20.

Os algarismos da graduação são indicados na linha que representa o plano de comparação situado a 20 centimetros acima do sólo. Os algarismos escriptos, porém, são communs a toda linha obliqua.

O cartão assim graduado, recebeu o nome de perspectometro, porque permite corrigir as differenças de grandeza produzidas pela perspectiva.

Representa uma moldura perpendicular ao sólo, de 30 centimetros de comprimento, envolvendo o cadaver e trazendo uma graduação centimetrica vertical e outra horizontal, separadas de 10 centimetros.

Os traços desta graduação são reproduzidos, na photographia, em linhas obliquas, tal qual se observa

o todo. No caso presente, encontra-se-ão 125 millimetros.

Vê-se que é necessario conhecer, préviamente, as alturas dos differentes pontos do corpo acima do sólo, o que é já conhecido por todos com os meios de que se dispõem. Os afastamentos, proprios a cada individuo, não determinam uma differença apreciavel.

Si, na photographia, fixarmos o olhar no meio da linha OO, tendo o cuidado de collocar o olho a uma distancia igual á tiragem focal, seja 40 centimetros, teremos a sensação exacta do relevo, ao mesmo tempo que as bordas do cartão parecem tornarem-se verticaes. Obtida esta percepção, faz-se passar planos horizontaes virtuaes pelas linhas de nivel, podendo-se apreciar, mais ou menos, os tamanhos successivos das differentes partes do cadaver.

photographia á objectiva e a do lado direito os coefficients de reconstituição correspondentes. Si quizermos medir uma dimensão de frente, na photographia tirada de cima, é necessario, como vimos precedentemente, conhecer sua distancia real da objectiva, donde deduziremos seu coefficiente de redução.

Ora, esta distancia póde ser avaliada approximadamente, na photographia lateral, bastando para encontrar seu valor traçar, pela imagem da photographia lateral, uma linha transversal que cortará a graduação nos algarismos da distancia procurada. Recorrendo-se, então, por meio dum compasso a dimensão a medir, na photographia tirada de cima, conduzir-se-á á escala metrica mais vizinha da distancia encontrada ou melhor multiplicar-se-á este comprimento pelo coefficiente indicado na graduação lateral direita do cartão.

Exemplifiquemos: si quizermos medir o tamanho da mão esquerda, far-se-á passar, na photographia lateral, uma transversal pela mesma mão, que cortará a graduação mais ou menos em 1,^m40. A escala applicavel á medida desta, na photographia tirada de cima, será a escala impressa na parte inferior do cartão, marcando 1,^m35, que é a mais approximada da de 1,^m40. Si quizermos ser mais exactos, tomaremos, na graduação lateral direita da photographia tirada lateralmente, o coefficiente de reconstituição correspondente que é 14 e multiplicaremos o comprimento da mão (seja 6 millimetros) por 14, o que dá mais ou menos 84 millimetros. Inversamente, para calcular uma dimensão de frente na photographia apanhada lateralmente, será necessario procurar, na photographia tirada de cima, sua distancia da objectiva, o que se faz traçando uma linha transversal que cortará a graduação esquerda nos algarismos da distancia á objectiva da photographia obtida lateralmente.

Encontrar-se-ão, ao mesmo tempo, na graduação di-

ALTURA DA OBJECTIVA: 1,^m50

TIRAGEM FOCAL: 0,^m10

PHOTOGRAPHIA METRICA
METHODO A. BERTILLON

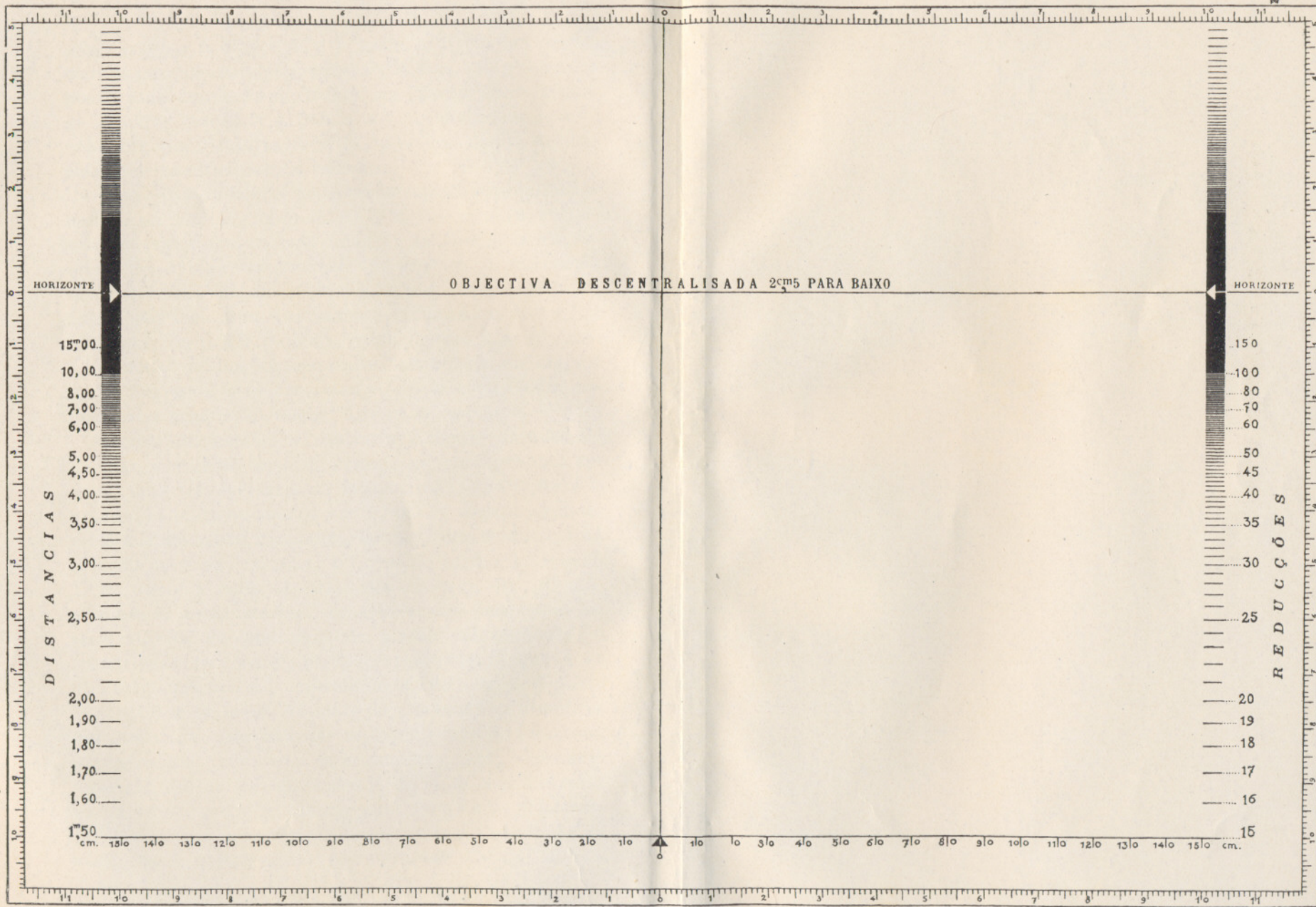
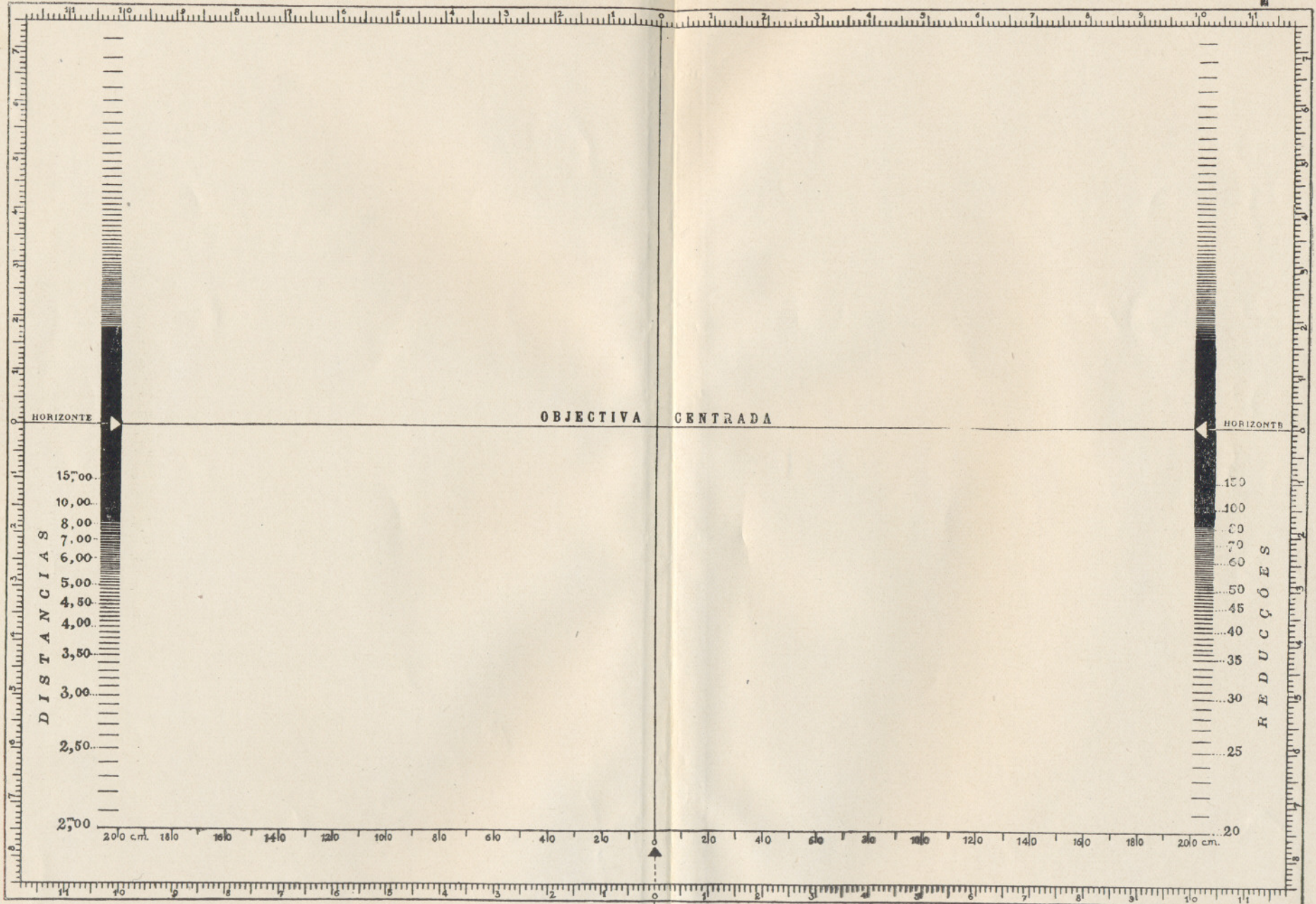
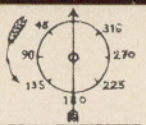


Fig. 59

ALTURA DA OBJECTIVA: 1,^m50
TIRAGEM FOCAL: 0,^m10

PHOTOGRAPHIA METRICA
METHODO A. BERTILLON



ALTURA DA OBJECTIVA: 1,™50

TIRAGEM FOCAL: 0,™10

PHOTOGRAPHIA METRICA
METHODO A. BERTILLON

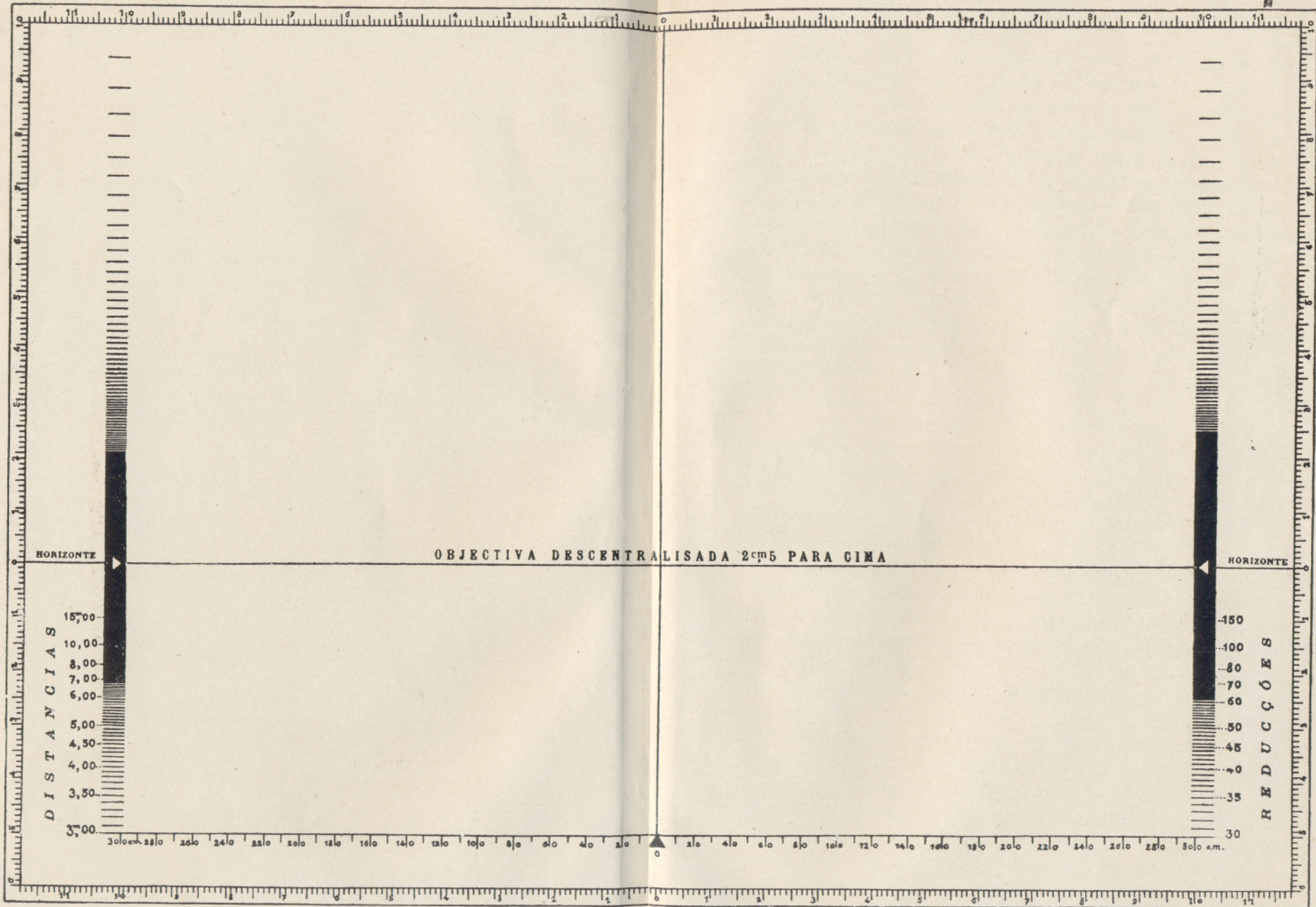
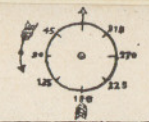


Fig. 61

reita, os coefficients de redução applicaveis a esta medida. Exemplo: seja a medir o comprimento da orelha direita do individuo. Encontram-se, por exemplo, na photographia lateral, 4 millimetros, sendo a escala metrica applicavel a de 1,^m55 que se encontra na graduação esquerda da photographia apanhada de cima, fazendo passar uma linha transversal pela orelha. Transportar-se-ão, então, os 4 millimetros á escala metrica mais vizinha, isto é, a de 1,^m50 e encontrar-se-ão, approximadamente, 60 millimetros ou melhor tomar-se-á o coefficiente de reconstituição na graduação direita, seja 15,5 que multiplicados por 4 millimetros dão para o comprimento da orelha 62 millimetros, algarismo mais vizinho da realidade. A medida directa dá, com effeito, 62 millimetros mais ou menos.

Estas medidas não são applicaveis senão a dimensões de frente, isto é, parallelamente á placa sensivel. Por conseguinte, toda superficie do sólo poderá ser medida exactamente, seja empregando-se a escala correspondente, seja multiplicando as dimensões encontradas por 16,5 (escala do sólo).

Nos outros casos, é necessario recorrer-se a uma construcção graphica que conduza directamente a uma transformação da dupla photographia estereometrica em um plano cortado na escala de 1/16,5 e isto em condições de exactidão completa. A operação é analoga a que temos exposto para a photographia metrica dos interiores.

Comquanto isso tenha um caracter um tanto tecnico, julgamos dever reproduzir este methodo estabelecido no laboratorio de identidade judiciaria da prefeitura de policia de Paris e que resolve um problema de applicação universal, permittindo reconstituir por meio de 2 ou 3 photographias os objectos em relevo, por exemplo, craneos, cadaveres, objectos de historia natural, baixo relevo, etc. Obtém-se, á vontade, seja um

plano de lado (cortado), seja um desenho de geometria descriptiva. A objectiva, assim empregada, apparece, então, como precioso instrumento de medir, permittindo operar em condições excepçoes de rapidez e precisão.

Vamos mostrar como se levanta um ponto A do espaço, cujas imagens a^1 e a^2 teem podido ser identificadas nas duas photographias. Traça-se, primeiramente, pela imagem a^1 , a fugitiva $P^1 a^1$, na qual se deve encontrar a projecção horizontal procurada; assignala-se, em seguida, na transversal central $H^1 H^1$ da photographia tirada de cima n.º 1, o ponto R que se encontra a mesma distancia da vertical principal $P^1 P^2$, como o ponto imagem a^2 tomada na photographia lateral n.º 2; reune-se o ponto de visão rebatido O^1 ao ponto R e esta recta $O^1 R$ cortará a fugitiva $P^1 a^1$ em um ponto A^1 que representa a projecção horizontal do ponto A do espaço sobre o sólo.

Obtem-se, assim, o plano geometrico pela escala do sólo sob todos os pontos vistos.

Para obter o lado ou altura verdadeira acima do sólo de cada ponto, traçar-se-á, na photographia n.º 2, a fugitiva $P^2 a^2$ passando pela imagem a^2 e traçar-se-á a vertical passando pela projecção A^1 que se acaba de determinar. O ponto de encontro A das duas linhas dará a projecção vertical do A . A transversal passando por este ponto A^2 indicará, na gradação lateral esquerda, a altura do ponto acima do sólo. (Figura 62).

Vê-se que se obteve, por esta construcção realisada mais de pressa que descripta, ao mesmo tempo, um plano cortado e o desenho classico de geometria descriptiva.

Póde-se verificar que o cmprego da photographia metrica supprime com vantagem as plantas dos logares feitas por um architecto perito, pois estas são sempre custosas e incompletas. Além disso, no decorrer duma investigação judiciaria, póde haver necessidade de co-

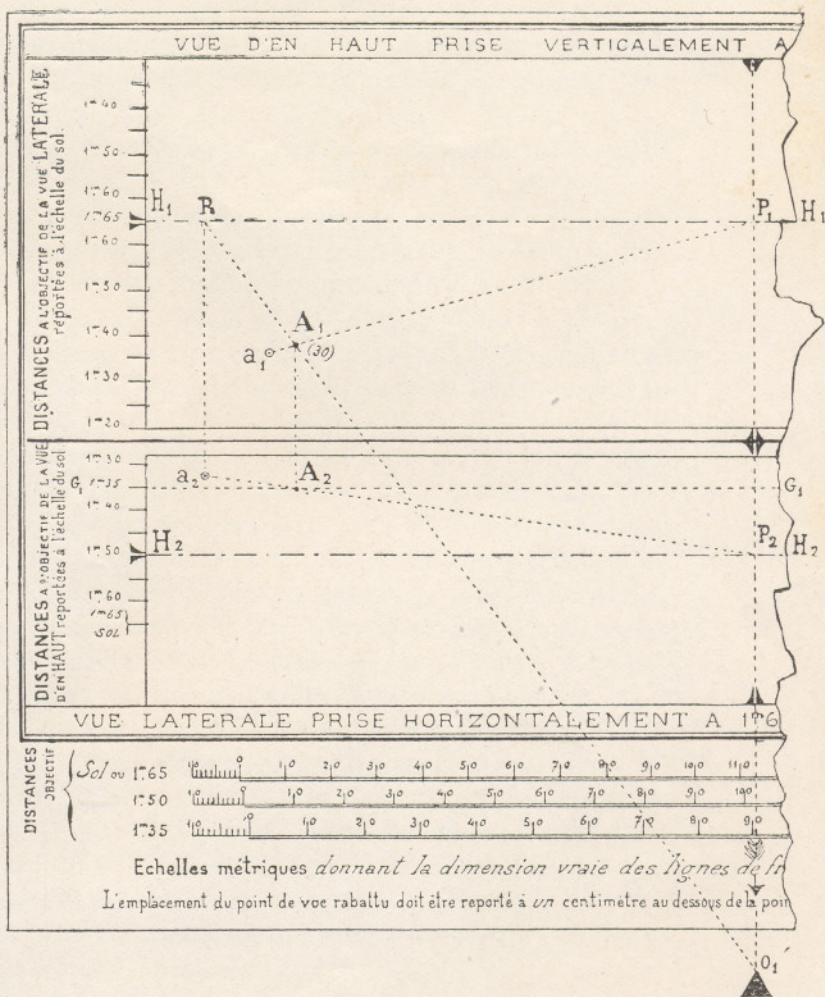


Fig. 62

nhecer as posições exactas de certos objectos, cujos vestígios não restam mais.

O plano reconstitutivo pela photographia não acompanha forçosamente cada prova, porém sempre se pôde fazer, quando houver necessidade, em qualquer época. Eis aqui um methodo que se pôde seguir para esta reconstituição.

Traça-se sobre um papel (Figura 63) uma série de parallelas distantes do valor da tiragem da objectiva, seja 10 centímetros, reduzida á escala escolhida (por exemplo $\frac{1}{20}$).

Cada intervallo será, então, neste caso, de 5 millímetros.

Escolhe-se, numa das parallelas, um ponto **C** que representará o logar da objectiva e traça-se, por este ponto, uma perpendicular **C X** que representará o eixo da objectiva. Neste eixo, mede-se um comprimento **C O** igual a tiragem focal, isto é, no caso presente, 10 centímetros e, por este ponto **O**, traça-se a parallela **H H** graduada em centímetros.

Para encontrar-se a posição dum ponto **A** no sólo, procura-se saber primeiramente, onde a transversal, passando por este ponto, encontra a escala de redução, isto é, a escala da direita e vê-se que passa um pouco acima da 29.^a, isto significa quê, no plano, o ponto encontrar-se-á um pouco além da 29.^a parallela, contada a partir do logar **C** da objectiva. Traça-se, em seguida, na photographia, a vertical passando pelo mesmo ponto **A** e constata-se que encontra a graduação centimetrica divergente do quadrante a 18 millímetros á direita do **O**. Transportando-se ao plano, mede-se 18 millímetros á direita do **O** na transversal graduada **H H** o que dá o ponto **a**. Une-se, então, o ponto **C**, logar da objectiva, a este ponto **a** prolongando-se até encontrar a 29.^a parallela. Ahi se encontra a posição verdadeira do ponto **a** da photographia.

Procede-se exactamente, da mesma maneira, para com todos os pontos do sólo. A escala do plano, assim reconstituída, é de $\frac{1}{20}$.

Terminamos fazendo notar que osapparelhos metricos não são mais caros, nem mais complicados do que os ordinarios e, como acabamos de vêr, pódem-se obter, sem mudar quasi nada nas manipulações photographicas ordinarias, photographias que possuem elementos sufficientes para sua completa medida e para a sua transformação em planos.

Além disso as provas obtidas pódem, tambem, ser tão cuidadas e artisticas como as outras.

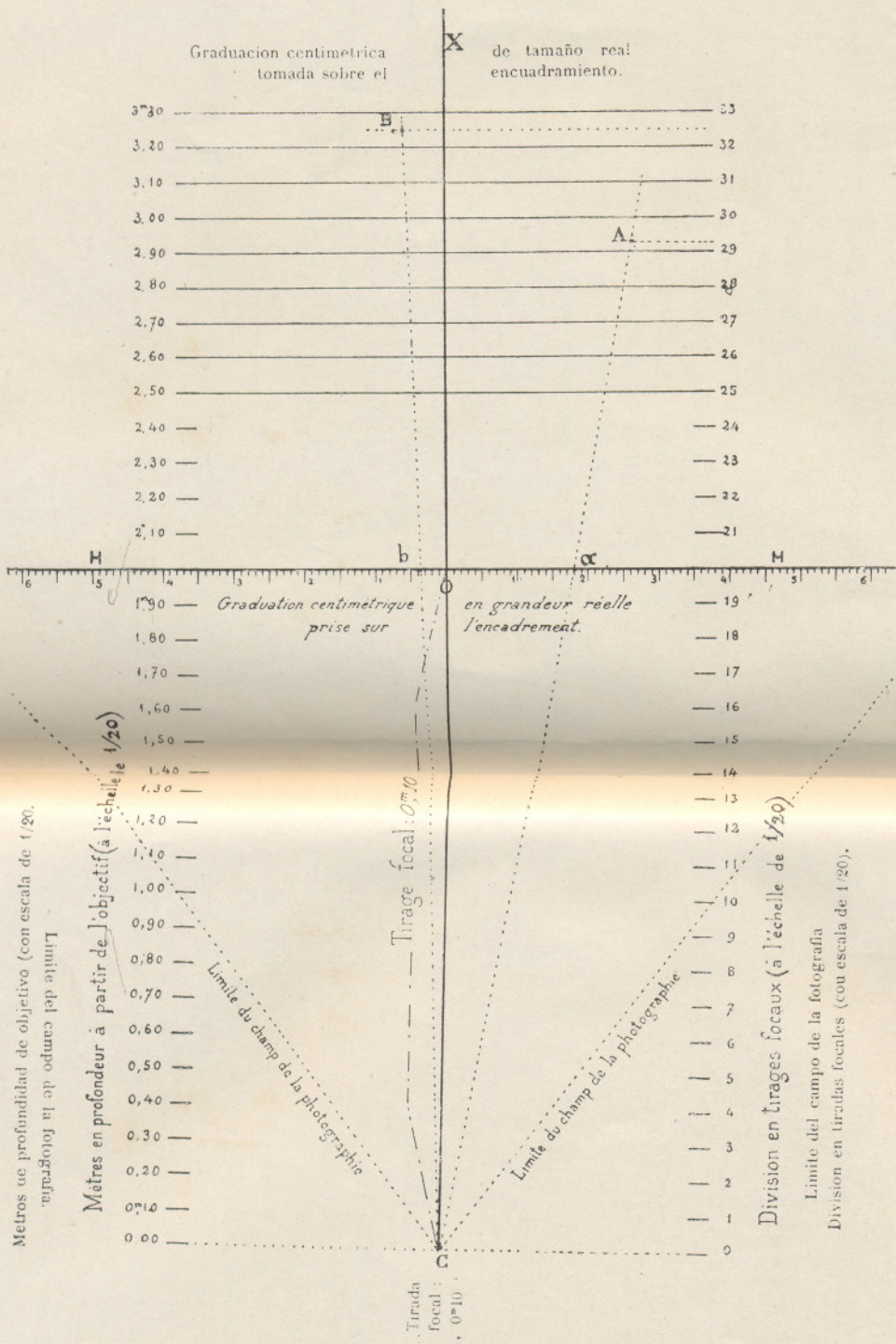


Fig. 63

A PHOTOGRAPHIA A' LUZ ARTIFICIAL

Nem sempre, a luz do dia é sufficiente, nos locaes do crime, do accidente, do suicidio, etc., faltando mesmo, algumas vezes, completamente.

Assim, nas adegas, corredores, etc., a luz solar falta a maior parte do tempo. Neste caso, é necessario recorrer-se á luz artificial. Esta impõe-se naturalmente a todas as photographias tiradas á noite. A unica luz artificial que entra em jogo na pratica da photographia judiciaria é a luz pelo magnésio, por ser a mais pratica. Para o seu manejo, utilizam-se apparatus simples e portateis, portanto, de grande valor para o uso judiciario. Em ultimo caso, póde-se abster-se de apparatus, accendendo simplesmente o pó de magnésio, num prato, numa folha, etc.

Todo serviço de photographia judiciaria deve sempre ter a sua disposição quantidade sufficiente de pó de magnésio.

Encontram-se, actualmente, no commercio, excellentes pós, dispensando o operador de preparar, elle mesmo, tal materia inflammavel de preparação sempre perigosa, sobretudo para os que não estão habituados a manipular-a. Encontrando-se egualmente o magnésio, no commercio, sob fórma de estreitas fitas, póde-se empregar-o, sob esta fórma, na pratica da photographia judiciaria. Neste caso, queimar-se-á regularmente a fita, em lampadas apropriadas, munidas de corda de re-

logio ou de uma manivela a mão, fazendo sahir continuamente a fita da caixa que a encerra. Fazemos notar, entretanto, que este ultimo modo de illuminação artificial fornece uma luz trémula e pouco economica. Por isso, em geral, prefere-se o systema de illuminação instantanea com pó de magnesio mais ou menos explosivo.

Quando se emprega o pó de magnesio, nota-se que só é o exterior da chamma que serve para a illuminação, emquanto que a luz das particulas incandescentes do interior da chamma não passa para o exterior, porque é absorvida pela parede externa da chamma. Evita-se este inconveniente, dispondo o pó, não em monte, porém em rastilho. O pó de magnesio queimando desenvolve uma grande quantidade de vapores brancos, constituidos de oxydo de magnesio inoffensivos á saude. Este oxydo de magnesio deposita-se, em seguida, sob fórmula de pó fino de côr branca. Quando se teem que fazer varias photographias, num lugar fechado, ter-se-á, então, o cuidado de fazer desaparecer taes vapores incommodos, por uma aeração energica ou então servindo-se dum dispositivo especial para a captação dos mesmos.

Utiliza-se, para este fim, de um sacco de panno impermeavel, de oitenta a cem centimetros de comprimento por setenta a oitenta de largura, que será mantido aberto por arcos de ferro. O fundo é fechado e munido dum anel para suspensão. Esta se faz a sessenta ou oitenta centimetros, mais ou menos, acima do lugar, onde se encontra o pó de magnesio. Depois de sua combustão, os vapores se elevam em massa compacta e em direcção vertical, entrando no sacco; logo após, fecha-se este com o auxilio dum cordel préviamente posto na bocca. Em seguida, os vapores depositam-se em fórmula de pó branco, recomeçando-se novamente a operação. Accende-se o pó de magnesio com o auxilio de uma mecha ou com papel nitrado.

O algodão polvora, que se accende com o auxilio da faisca electrica, é indicado para a illuminação synchronica de varias fontes luminosas. Um detalhe importante a observar, operando-se com as misturas explosivas de magnesio, é accendel-as de tal modo que o operador possa retirar-se antes da explosão, para não ser attingido por projecções de materia incandescente. Para obter-se uma boa disposição das fontes luminosas, operar-se-á com tres fócios luminosos, sendo um collocado atraz e acima da camara photographica (mais ou menos cincoenta centimetros), o segundo e o terceiro nos dois lados do apparelho, na altura da objectiva, porém egualmente atraz da machina. No rigor, si não se dispõe de logar sufficiente, póde-se dispol-as mais adeante, porém nunca approximal-as do objecto a ser photographado. Em qualquer caso, serão collocados de tal maneira que a sombra do apparelho photographico não seja projectada no campo de imagem. Recommenda-se, para este fim, munir sempre a objectiva dum para-luz de fórma conica e sufficientemente longo, para protegel-a, seja dos raios muito obliquos que poderiam chegar ás lentes e produzir assim uma imagem apagada, seja das projecções de materias incandescentes. Este para-luz póde ter a fórma conica e ser feito, com vantagem, de papelão fino, de quarenta centimetros de comprimento e forrado no interior de papel negro, fixando-se á objectiva, com um largo elastico.

Tratando-se de photographar uma grande estensão, uma grande sala, por exemplo, serão dispostos, ainda, outros fócios luminosos de maneira a ter, por toda a parte, uma luz uniforme e a evitar sombras muito pronunciadas. Não raras vezes, será sufficiente uma unica luz; é o caso, por exemplo, para a photographia dos cadaveres nos locaes do crime.

Utilizar-se-á, então, dum fóco, collocado a meio metro acima e atraz da machina photographica. Em-

pregando-se o aparelho na posição vertical com o auxilio do tripé graduado, será util accender dois fócios luminosos, dispostos, sufficientemente longe, dos dois lados oppostos do cadaver e mais ou menos á altura da objectiva que será munida dum para-luz. Si fôr necessario, empregar-se-ão pannos brancos, como reflectores, para illuminar sombras muito fortes. Lembremos, ainda, que, em certos casos, se póde prescindir do emprego do magnésio, servindo-se unicamente da illuminação á gaz, da illuminação electrica e mesmo da illuminação ao petroleo, como fonte luminosa. A disposição das lampadas será, então, tal que todas as partes do objecto sejam illuminadas sem que as proprias lampadas se encontrem no campo de imagem. Pannos brancos servirão como reflectores, para moderar as sombras muito escuras.

Os resultados que se podem obter, assim, são bastante satisfactorios, porém o tempo de exposição póde attingir, segundo o modo de illuminação escolhida, até doze horas. Apesar do longo tempo de exposição, a illuminação ao bico Auer é recommendavel, porque as photographias feitas com esta fonte luminosa possuem sombras menos exaggeradas do que as pelo magnésio e a imagem se aproxima, por conseguinte, mais da realidade, isto é, apresentar-se-á mais nos matizes percebidos pelos olhos.

Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1917

Professora Lucia

3

Luiz de
Mauricio, 19 Mai

RECEBIDO
19
MAY 1917

REPRODUCCÇÕES RAPIDAS EM PAPEL GE- LATINO-BROMURO — AMPLIAÇÕES

Na pratica judiciaria, é necessario, muitas vezes, re-
produzir, rapidamente, a mesma photographia. A unica
especie de papel photographico que serve para este fim
é, sem duvida, o papel gelatino-bromuro de prata, cuja
manipulação exige installações especiaes, para que se
obtenha uniformidade tão completa quanto possivel.

Sendo a fonte luminosa, o tempo de exposição e a
explanção sempre as mesmas, chega-se, assim, a pro-
duzir provas duma grande regularidade. Nestas con-
dições e com o auxilio dum pessoal sufficiente, torna-se
facil a producção duma quantidade consideravel de pho-
tographias, em pouco tempo.

Ha actualmente uma série de aparelhos que ser-
vem para a impressão photographica com o papel ge-
latino-bromuro; dentre elles citamos o de Just que
funciona á luz natural ou artificial e cuja manipula-
ção é muito simples.

A impressão, a explanção, a fixação, etc., fazen-
do-se automaticamente, obtem-se, em pouco tempo,
grande quantidade de photographias.

O papel utilizado nestes aparelhos não são em
folhas, mas sim em tiras.

Taes aparelhos são muito caros, tornando-se dif-
ficil a sua aquisição para um serviço de photographia
judiciaria.

A pratica da photographia judiciaria necessita, muitas vezes, ampliar um retrato, um panorama, etc.

Quando se deseja obter o tamanho natural dum retrato reduzido a $\frac{1}{7}$ pelo aparelho de Bertillon, a ampliação servirá para o ensinamento do retrato fallado ou para melhor fazer resaltar certas falhas da pelle bem características.

A industria photographica fornece-nos, hoje, dispositivos, para a ampliação, muito engenhosos e relativamente baratos.

Queremos fallar dos cones ampliadores fabricados por numerosas casas fornecedoras de artigos photographicos.

Os cones substituem vantajosamente os antigos aparelhos de ampliação por projecção, muito caros, e precisando quasi sempre dum logar especial, de que nem sempre se dispõe.

E' verdade que cada cone não permite senão a obtenção dum unico gráo de ampliação. Mas, visto a modicidade do preço, é facil adquirir uma série de cones para differentes tamanhos de ampliação. Pódem-se mesmo construir peças accessorias, podendo ser destacadas, á vontade, do cone e permittindo a realização de ampliações de grãos differentes. Os cones de ampliação, tambem chamados ampliadores, possuem a grande vantagem de não tomar grande espaço na camara escura e, uma vez carregados, podem ser manejados á luz do dia.

Claro está que as ampliações muito grandes necessitam do emprego do aparelho micro-photographico, cuja descripção se encontra em qualquer compendio de micro-photographia.

INVESTIGAÇÃO DE MATERNIDADE

Francisca Rosalia e Severa de Carvalho disputam, actualmente, perante o Juizo da Vara de Orphãos, a maternidade de uma mesma menina, allegando ambas as partes, elementos comprobatorios diversos que, todavia, não são de ordem a permittir uma solução consentanea com a justiça.

Deante disso, o Snr. Dr. Raul Camargo, digno Curador Geral de Orphãos, resolveu incumbir os peritos abaixo assignados do exame dessas duas mulheres e da menor disputada, afim de ver se era possivel, investigando com os recursos da sciencia, obter acquisições que facultassem julgar o caso em questão.

Francisca Rosalia, com 50 annos de idade (a completar em Janeiro proximo), hespanhola, casou-se, ao que informa, com um portuguez que se retirou, ha muitos annos, para Portugal, sem que ella tivesse mais noticia delle.

Convém referir aqui que em uma segunda entrevista Rosalia assegurava que o seu marido era um brasileiro legitimo e para comprovar a sua asserção indicava a pelle pigmentada ou morena da menina presente.

Rosalia teve, ao que diz, apenas essa filha, comtudo refere-se a alguns abortos, logo nos primeiros mezes da gestação.

Caracteres physicos de Rosalia. — De estatura mediana e regular. Compleição, Rosalia revela varios signaes somaticos de uma senilidade precoce em relação á idade que allega.

A pelle branca ou alva (de um tom mais carregado

nas partes normalmente despidas ou núas) e engelhada sulca-lhe a face em multiplas direcções e levanta-se, aqui e alli, em pregas bem accentuadas.

Os cabellos lisos (lissotrichos) e grisalhos mostram ainda nas extremidades a côr castanho-escura primitiva, embora esmaecida.

Cabeça bem conformada, sem anomalias evidentes ou chocantes; ineon pouco saliente; fronte de abaulamento normal, espaçosa, vertical, com multiplas rugas; supercilios ou sobrancelhas muito escassas, grisalhas e nitidamente separadas na raiz do nariz; olhos encovados, de iris azul (olhos azues), com pontos pardo-avermelhados sobretudo na iris esquerda; cilios curtos e escuros; nariz de tamanho regular, rectilíneo, com septo um pouco descido ou abaixado; bocca regular; sulcos naso-genianos profundos; labio superior engelhado ou pregueado e um pouco retrahido, com alguns fios ou cabellos brancos; quédas dos dentes (incisivos superiores); abobada palatina larga, raza e ligeiramente pregueada na vizinhança da arcada dentaria (parte anterior); mento regular, de pelle frouxa e enrugada.

A orelha direita dobrada ou enrolada com regularidade ao nivel do helix, que mostra alguns pequenos sulcos, tem ante-helix saliente e bifurcado normalmente na parte superior, onde delimita nitidamente a fosseta navicular. A orla inicial ou raiz do helix estende-se até o meio da concha, onde uma pequena saliencia ou tuberculo isolado parece indicar sua interrupção brusca, por isso que está na mesma direcção e a muito curta distancia della. Acima do trago, a raiz do helix fortemente tensa e deprimida parece isolal-o ou afastal-o. O ante-trago é arredondado.

A orelha esquerda não differe da sua homologa, salvo no tocante á raiz do helix que se prolonga até o meio da concha, onde não se observa nenhuma saliencia ou tuberculo.

As mãos e dedos não revelam nenhuma particularidade ou anomalia evidente.

Os pés são bem excavados.

O exame de parto antigo, que poderia ter aqui uma importancia decisiva, não foi realizado porque a isso se oppoz firmemente a paciente, sob o pretexto de que, ha 13 annos, o seu corpo estava virgem e affectando um excesso de pudor que contrastava com as suas maneiras, suas expressões e a sua vida ou actividade (a paciente, ao que se diz, mantém ordinariamente uma casa de tolerancia). Sempre que era insistentemente convidada a submeter-se ao exame, Rosalia limitava-se a exhibir com um acanhamento espectacularo, através de uma fenda da sua sáia, uma pequena cicatriz no lado direito do ventre que ella pressurosa e fingidamente offendida no seu pudor cobria, immediatamente, e mostrava-se satisfeita deante dessa prova que lhe parecia tão evidente e cabal. Da ultima feita, quando o convite lhe foi reiterado por um collega que, casualmente, se achava no momento, Rosalia respondeu-lhe que, ha 13 annos, estava virgem de homem e, pretendendo robustecer a sua affirmacão, ajuntou o gesto á expressão do modo seguinte: Se quizer vêr metta o dedo... (Figura 64).

Severa de Carvalho tambem filha da Hespanha, com 34 annos de idade, affirma que, ha 14 annos, dera á luz a menor contestada no hospital da Misericordia, registrando o nascimento da criança com o nome de Severa em uma pretoria dessa cidade. Pouco tempo depois da sua sahida daquelle hospital, Severa, delibero, em virtude de sérias difficuldades de vida, entregar a sua filha a Francisca Rosalia que, por sua vez, registrou egualmente, sem o seu conhecimento, a mesma menina em uma pretoria, sob o nome de Alzira.

Severa havia então chegado da Hespanha, onde fôra abandonada pelo marido, do qual nunca mais teve noticias. Algum tempo depois, passou Severa a viver

em concubinato com um turco, de quem teve, ao que diz, mais tres filhas (Georgina, Josepha e Aurora).

Typo physico de Severa de Carvalho. — De pequena estatura, 1,^m47, bem compleicionada, Severa de Carvalho tem apparencia geral correspondentemente á idade que allega.

A sua pelle um pouco pigmentada (mesmo nas partes ordinariamente encobertas) permite consideral-a entre os typos morenos, como se designam entre nós.

Em varios dedos, sobretudo da mão esquerda, na aureola da mama direita e noutros pontos, ha pequenas zonas com atrophia do pigmento cutaneo.

Cabeça bem conformada; cabellos lisos ou corridios, espessos e negros.

Fronte de tamanho regular.

Supercilios negros, um pouco largos nas caudas, unindo-se na raiz do nariz. Da cabeça do supercilio esquerdo parte uma pequena prega ou sulco que termina ao nivel da glabella. Olhos castanhos ou pardos, com tons esverdeados e varios pontos pardo-escuros na iris. Cilios negros e longos. Nariz mediano, rectilinio, de base ou lobulo um pouco grosso. Ligeiro buço negro no labio superior. Rosto oval com diversas lentiginas; mento antes arredondado do que pontudo, com um sulco transversal no limite do bordo adherente do labio inferior. As arcadas dentarias quasi se superpõem (muito ligeiro avanço da superior). Abobada palatina estreita e funda, com prégas na parte anterior.

A orelha direita, cujo tamanho é regular, permite observar o seguinte: Helix, de contorno liso, enrolado ou dobrado de modo regular na orla superior que, ao delimitar com a posterior, québra um pouco a harmonia da curva total sem, todavia, formar angulo; antehelix saliente, excedendo o helix (orla posterior), bifurca-se normalmente em cima; concha dividida (cymba e cavum da concha) pela continuação do raiz do helix



Fig. 64

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — PHOTOGRAPHIA SIGNALETICA AMPLIADA DE
FRANCISCA ROSALIA

que se torna um pouco apagada na parte média; lobulo bem formado e de adherencia natural ou normal (a extremidade é livre); ante-trago de fórma comparavel á de uma pyramide de vertice superior; fosseta navicular de excavação regular.

A orelha esquerda em nada differe da direita.

Nas mãos e dedos não se verificam quaesquer particularidades, afóra as que já foram assignaladas.

Os pés são ligeiramente excavados. Pellos abundantes nas pernas. (Figura 65).

Typo physico da menor disputada (Alzira ou Severa)

— Esta menor é bem compleicionada, morena e conta 13 annos de idade.

A pelle um pouco mais pigmentada do que a de Severa de Carvalho.

Sua estatura corresponde á idade que allega.

Cabeça bem conformada (dolichocephalia), um pouco deprimida nas temporas.

Cabellos ondeados, de côr castanho-escura. Fronte vertical, como que quadrada quando vista de frente devido á falta de abaulamento dos lados e a altura das bossas frontaes acuminadas (em cima). Supercilios anegrados, unindo-se na raiz do nariz, de caudas estreitas. Cílios espessos, negros e longos. Olhos negros. Nariz pequeno, de base alevantada ou repuxada. Sulco naso-labial profundo. Arcada dentaria superior excedendo ligeiramente a inferior. Raros entalhes superficiaes nos bordos livres dos dentes. Abobada palatina funda ou excavada e estreita, com algumas prégas na parte anterior. Rosto arredondado com diversas lentiginas; mento redondo com multiplas depressões pequenas.

A orelha direita permite observar o seguinte: enrolamento normal ou regular do helix que se amplia no limite da orla superior com a posterior, parecendo delinear um tuberculo de Darwin; fossa escaphoide ou got-

teira do helix profunda; ante-helix saliente, excedendo um pouco o helix, bifurca-se em dois ramos ou braços (o superior é um pouco apagado); concha dividida nitidamente pela continuação da raiz do helix; ante-trago com a fôrma de uma pyramide.

Na orelha esquerda o helix não se amplia no limite da orla superior com a posterior e o ante-helix excede um pouco menos que o seu homologa a orla posterior. O lobulo de ambas é bem conformado e de adherencia normal.

Pés chatos. Pennugem abundante na nuca e aos lados da fronte. (Figura 66).

Alguns caracteres physicos das meninas Aurora, Josepha e Georgina, filhas de Severa de Carvalho

Aurora, com 8 annos de idade, de cabellos quasi negros e corredios (lissotrichos), tem fronte vertical com pennugem abundante o que aliás se nota tambem na nuca, labio superior e outras partes do corpo.

A pelle é mais pigmentada ou de um moreno mais carregado do que a das outras duas irmãs e a da menor contestada.

Rosto arredondado. Supercilios negros unindo-se na raiz do nariz. Olhos negros. Nariz pequeno, um pouco grosso de base ou lobulo repuxado. Finissimos entalhes nos dentes incisivos. Abobada palatina estreita e funda ou elevada.

Orelha direita: helix um pouco ampliado no limite da orla superior com a posterior; ligeira saliencia na parte posterior da orla superior (delineamento do tuberculo de Darwin); regular enrolamento do helix; concha dividida pela continuação da raiz do helix; ante-helix saliente excedendo o helix (orla posterior); bifurca-se nos dois braços que delimitam a fosseta navicular; ante-trago com a fôrma de pyramide; raiz do helix um pouco sinuosa; lobulo de adherencia normal.



Fig. 65

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — PHOTOGRAPHIA SIGNALETICA AMPLIADA DE
SEVERA DE CARVALHO



Fig. 66

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — PHOTOGRAPHIA SIGNALETICA AMPLIADA DE
ALZIRA ou SEVERA (A menor disputada)

A orelha esquerda não apresenta diferença evidente em confronto com a direita, afóra leves depressões e relevos na parte superior do helix.

Pés com regular excavação. (Figura 67).

Josepha, de 10 annos, de cabellos de côr castanho-escuro e lisos, é de pelle um pouco pigmentada (moreno pallido ou amarellado).

Rosto arredondado. Fronte vertical e um pouco abaulada. Supercilio de côr castanho-escuro, reunindo-se na raiz do nariz. Olhos de côr parda (iris) com tons esverdeados. Nariz pequeno de base repuxada. Entalhes finissimos nos dentes incisivos. Abobada palatina alta e estreita.

Orelha direita: normal enrolamento do helix; antehelix excede o helix (parte posterior); ante-trago com a fôrma de pyramide; concha nitidamente dividida nos 2/3 anteriores.

A orelha esquerda mostra enrolamento mais pronunciado do helix, delineando-se uma pequena eminência no limite da orla superior com a posterior.

Pés com excavação regular.

Pennugem bem apreciavel, porém em menor gráo do que na Aurora.

Georgina, com 12 annos de idade, apresenta cabeça mais arredondada do que as irmãs mais jovens. A pennugem é escassa.

Pelle pigmentada lembrando a da menor disputada.

Rosto afilado, pontudo; mento afilado. Fronte ampla no sentido transverso, vertical. Cabellos ondedos de côr castanho-escuro. Supercilios reunindo-se na raiz do nariz. Cilios longos e negros. Olhos negros (o esquerdo parece occupar nivel um pouco inferior em relação ao direito). Nariz mediano, afilado, de septo um pouco descido. Varias lentiginas na face. Finissimos entalhes nos dentes incisivos.

Orelha direita: enrolamento pouco accentuado do helix que se reduz ao attingir a parte (orla) posterior que logo se alarga para se adelgaçar, após um curto percurso, na parte restante; ante-helix em nível um pouco inferior em relação ao helix; ante-trago bem conformado, sem a fôrma de pyramide existente nas outras menores; canal de ante-trago (fente antitragique) largo; lobulo curto; concha dividida nos $\frac{2}{3}$ anteriores (cymba e cavum da concha).

A orelha esquerda é semelhante, não tendo, porém, o helix nenhuma depressão.

Pés com regular excavação. (Figura 68).

Confronto da menor disputada com Francisca Rosalia e o typo da familia Severa de Carvalho

PARECER — Dentre os caracteres de familia mais evidentes no grupo Severa de Carvalho releva notar os seguintes: abundancia do pigmento cutaneo (em gráo mais elevado na menina Aurora), profusão e desenvolvimento accentuado da pennugem, côr negra dos supercilios que se reúnem na raiz do nariz, estreiteza e altura da abobada palatina.

Emquanto que a menor em questão apresenta varios pontos de semelhança com o typo da familia Severa, o mesmo, porém, não acontece em relação a Francisca Rosalia. Verdade é que a idade avançada em que esta se encontra offerece incontestaveis difficuldades em exames dessa natureza. Uma photographia ou retrato de Rosalia, tirado durante a juventude, e que pudesse facilitar um estudo comparativo, não foi de possível aquisição. Demais, a falta de conhecimentos de ordem genealogica torna particularmente difficil uma pesquisa dessa ordem, maximé quando se tem em vista as influencias tão interessantes quão caprichosas da lei de Mendel.

Os caracteres dos cabellos da menor disputada (côr e certo risado natural), a conformação da fronte, a côr dos supercilios e a reunião das suas cabeças ao nível da raiz do nariz, a côr e extensão dos cilios, a côr dos olhos, o formato do nariz, as lentiginas do rosto, a disposição da abobada palatina, a abundancia da pennugem e a côr da pelle sem querer esmiuçar aqui os detalhes das orelhas, etc., não são os mesmos verificados em Francisca Rosalia, ao passo que todos se acham distribuidos na familia Severa de Carvalho, sendo alguns communs a todos os seus membros (mãe e filhas).

A côr azul dos olhos de Francisca Rosalia, a separação nitida das cabeças dos seus supercilios, a configuração do nariz, a disposição da abobada palatina (larga e raza), a lisura dos cabellos, a côr branca da pelle, a excavação das plantas dos pés, etc., se pôdem contrapôr: a côr negra dos olhos da menor Alzira ou Severa, a reunião dos seus supercilios na raiz do nariz (character commum ao typo da familia Severa), o seu nariz pequeno e repuxado, a abobada palatina estreita e excavada (character da familia Severa), o frisado natural dos cabellos, a pigmentação da pelle (commum a toda familia Severa), o pé chato dessa menor, etc. Além disso, as diversas lentiginas nos rostos da menor contestada e de Severa, a configuração das frontes de Aurora e dessa mesma menor, a fórmula de pyramide do ante-trago na familia Severa, com excepção de Georgina, etc., permitem antes acreditar que a menina em questão é tambem filha de Severa de Carvalho. Demais, não existe sequer um unico character anatomico ou signal que seja commum a Francisca Rosalia e a menor disputada.

Convém ainda accentuar aqui que razões de ordem psychologica tambem corroboram a nossa crença. A recusa formal opposta por Francisca Rosalia ao exame de parto não pôde deixar de calar fundo no espirito de

quem quer que lhe conheça a vida anterior ou que lhe tenha ouvido uma dessas expressões obscenas que os peritos annotaram no começo desse trabalho.

E' difficil comprehender que uma mulher que entretem casas de tolerancia, onde campeia a prostituição clandestina, conserve uma tão exaltada pudicicia, recusando-se terminantemente a um exame que, como lhe foi dito por varias vezes, poderia vir em seu favor ou defender os seus direitos. Não é, talvez, sem interesse, assignalar o que dissera Rosalia em relação á nacionalidade de seu marido, ora chamando-lhe de portuguez, ora de *brasileiro legitimo*.

Uma noção ainda interessante é a que diz respeito á idade de Rosalia. Esta, ao que informa, tem 50 annos de idade; todavia a sua apparencia geral e os signaes evidentes da regressão senil não condizem com essa affirmação. E' certo que a longa permanencia nos climas tropicaes accelera a senilidade, isto é, concorre para a velhice precoce. Mas as alterações proprias da senilidade que se observam em Rosalia são de tal ordem que se pôde orçar a sua idade entre 55 e 60 annos. Essa presumpção dos peritos só pôde robustecer ainda mais a opinião delles, por isso que nos paizes tropicaes, aos 45 annos, em geral, toda mulher está naturalmente esterilizada ou infecunda, em virtude das alterações mesmas da regressão senil insipiente a que os orgãos genitaeos internos não fazem excepção.

Todos esses motivos e o resultado do confronto dos caracteres ou signaes anatomicos entre Rosalia, a menor disputada e a familia Severa facultam aos peritos acreditar que a menina em questão é filha de Severa de Carvalho. (Figura 69).

Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1914.

Miguel Salles

Elysio de Carvalho

Edgard Simões Corrêa.



Fig. 67

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — PHOTOGRAPHIA SIGNALETICA AMPLIADA DE
AURORA DE CARVALHO



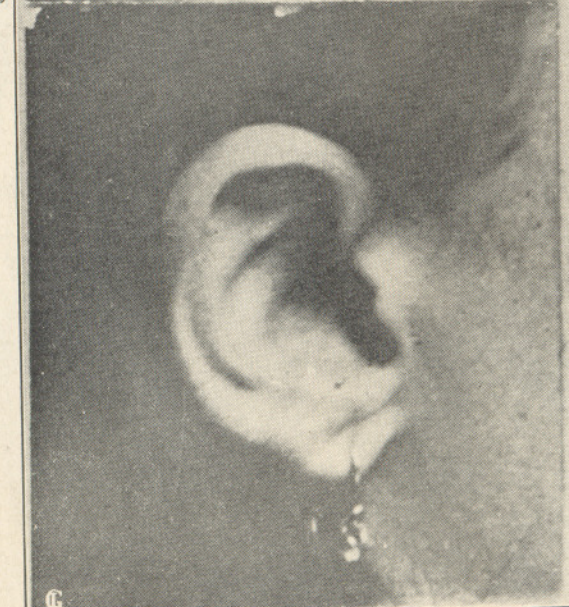
Fig. 68

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Secção Photographica — PHOTOGRAPHIA SIGNALETICA AMPLIADA DE
GEORGINA DE CARVALHO

SEVERA

ALZIRA ou SEVERA

ROSALIA



GEORGINA

JOSEPHA

AURORA

Fig. 69

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Secção Photographica — Em cima e da esquerda para a direita, as photographias em tamanho natural das orelhas de SEVERA DE CARVALHO, ALZIRA ou SEVERA (a menor disputada) e FRANCISCA ROSALIA. Em baixo e da esquerda para a direita, as photographias em tamanho natural das orelhas de GEORGINA, JOSEPHA e AURORA DE CARVALHO.